

A FESTA DE QUEM FAZ A FESTA

Os *backstages* dos festivais do país mostram que os grandes investimentos destruíram a máxima sexo, drogas e rock'n'roll

TEXTO **GUILHERME BRASIL** FOTOS **MARCELO GOMES**

No oeste de São Paulo, no centro de Goiânia ou nos mangues de Recife, acontecem os maiores festivais do país. Tanto o Abril Pro Rock quanto o Bananada, o Goiânia Noise e o Porão do Rock, desde o início dos anos 1990, revelam centenas de novos nomes do *underground* ao *mainstream*. O melhor de toda a herança de Stones a Nirvana, os festivais agregam as diferentes cenas de todo país em um único palco. Isso todo mundo já sabe, mas a grande verdade de todo esse movimento está nos bastidores dessas festas.

Imagine a grande festa de quem faz a festa. Dezenas de camarins divididos por um compensado mal instalado. Áreas de convivência que misturam operários e *roadies*, técnicos de som, empresários, músicos e fãs: "Essa é parte mais legal do nosso trabalho, a gente para de trabalhar um pouco e reencontra amigos de estrada", conta o *roadie* Felipe Grandi. É emocionante ver o mestre Júpiter Maçã passeando pelos corredores do Goiânia Noise e perguntando: "O meu camarim já foi construído? Preciso dormir um pouco!". Surrealista, diriam alguns, mas não se olhássemos para o lado contrário e víssemos que Rogério Skylab se encontra no mesmo dilema. O mais divertido de acompanhar esse tipo de movimentação é que o rock brasileiro ainda está em um processo longo de criação e de tentativa de fuga do que já foi criado.

Na década de 1990, Planet Hemp, Nação Zumbi e Sepultura despontavam como os grandes nomes do rock nacional, e tudo dentro de uma cena *underground* quase moribunda em todo o centro do país. Mérito total das bandas. Bandas

da atualidade, com o triplo das ferramentas que existiam na época, Youtube, Myspace, Fotlogs e Orkut, não conseguem fazer a metade. Tais ferramentas de divulgação revolucionaram o meio da música, não só por digitalizar e democratizar acessos e pela capacidade de reconstrução do *underground*, mas também por dar fama para aqueles que têm o domínio dos meios e por afundar gravadoras inflexíveis, incapazes de perceber que o mundo estava mudando. "Toda essa transição no mundo da música fez com que diminuíssem significativamente as vendas de discos, e foi exatamente nesse momento que os festivais ganharam grande força como divulgadores de bandas novas", diz Carlos Carneiro, vocalista da banda Bidê ou Balde.

Os *tour managers* são os únicos caras que não se divertem nesse movimento todo. Ou melhor, tomam pílulas de diversão. Passam, dão rápidas risadas e saem correndo para outro ponto do *backstage*. Os *tour managers* são aqueles caras que ficam gritando com a banda, leia-se vocalistas e guitarristas desprovidos de senso de auto-preservação, que se consumirem mais uma linha, ou secarem mais uma garrafa, colocarão o show em risco. Os coordenadores da brincadeira. A mãe e o pai da banda.

No meio de tanta bagunça, os *backstages* são as principais plataformas para o fechamento de grandes negócios. Lee Martinez, agente da banda Bidê ou Balde, chega a dizer que sem os festivais dificilmente a cena brasileira de rock sobreviveria. "Com a internet banalizando os con-



tatos virtuais, os encontros acabam tomando proporções que antes não tinham. É importante conversar com outros agentes e trocar experiências, já que o mundo da música está mudando e as oportunidades diminuindo”, afirma Lee. A reciclagem do mundo musical, com o advento da internet, passa não só pelo *underground*, mas atinge diretamente o *mainstream*, uma vez que as grandes gravadoras não têm mais suporte para segurar a gravação de discos. O grande número de *downloads* na rede fez a forma física do disco tornar-se obsoleta. Dessa maneira, a venda de discos deixou de representar um número importante no faturamento das gravadoras.

Todos os traços de uma feira de negócios, os *backstage* têm hoje. Festas privadas, “estandes”, pessoas se conhecendo e se reencontrando, negócios sendo fechados. Mas nem sempre foi assim. A porta de trás dos palcos muda com o decorrer da evolução digital. Ninguém sabe ao certo o que rola em cada canto de lugares como os *backstages* de festivais nacionais. Mas o que sabemos de verdade é que esse espaço se tornou importante para misturas e trocas de experiências e para entender por que os anos 1960 foram deixados

para trás. Ácidos, *groupies* enlouquecidas e bebidas exóticas hoje são obsoletos. A preocupação é muito maior com a sonoridade, com o show como um todo.

Esse é o pano de fundo. Dentro de tudo isso, não se pode esquecer que as bandas são o centro da questão. A troca de experiências entre diferentes estilos não só faz com que novos negócios sejam criados mas também que exista a exploração conjunta de sonoridades antes isoladas. Imagine o encontro de uma banda como a Nação Zumbi, que embaixou todo o movimento Manguebeat nos anos 1990, junto com Marcelo D2. Explorar a malandragem do Rio de Janeiro com a criatividade fervilhante de Recife. Seria quase como colocar os Stones e a Daniela Mercury juntos no mesmo palco (obviamente, em uma situação hipotética em que os dois se dariam bem).

Absurdo ou não, a questão dos shows e dos grandes festivais serem bem sucedidos muitas vezes se resume ao ambiente de *backstage*. Seria a preparação do músico para subir no palco. Normalmente vemos em DVDs as bandas se reunindo e rezando, gritando coisas para chamar espíritos do bem, muito bem: bobagem. Quando



essa galera se encontra livre de compromissos é como largar um cão se mijando em um campo verde. Por isso que a afirmação acima faz tanto sentido. Os grandes festivais dependem muito dos *backstages*, já que lá que o artista vai sentir tudo que vai levar para o palco. E se, por algum motivo, as coisas estiverem realmente bagunçadas e a banda se sentir agredida com isso, espere e veja sua entrada no palco.

Algumas bandas se profissionalizaram nisso. Vejam o caso da Reação em Cadeia. Dentro do *rack* de camarim dos caras, na lista de itens de necessidades da banda, é regra que eles peçam uma caixa e um amplificador de potência absurda, para transformar o *backstage* em uma verdadeira festa. "A gente gosta de trazer muitos discos e colocar bem alto no camarim. Quando a gente menos espera as pessoas entram aqui e comem as nossas coisas, mexem no som e transformam isso numa baderna", se diverte Jonathan Corrêa, vocalista da Reação em Cadeia.

Normalmente, em grandes festivais, há muitas bandas juntas, o camarim passa a ser um ponto de referência no meio de tantos outros, o que muitas vezes acaba sendo

um refúgio para a maioria. Longe de fãs, técnicos de som, namoradas e agentes chatos. Todos esses personagens em algum momento são ignorados, menos os *tour managers*. Esses caras efetivamente colocam as coisas nos seus devidos lugares. E de alguma maneira têm todos da banda nas mãos. Sabem onde cada um está, seja no meio da festa ou isolado no camarim.

Muitas vezes vamos para shows e festivais e nem imaginamos o que acontece nos bastidores. Todas essas movimentações giram em torno de uma grande festa. Mas, dentro de todos esses festivais, a verdade é que existem diversas festas dentro de uma só, o que normalmente leva o público a ter noção do todo e esquecer que tudo tem uma razão. Essa razão é o rock. Cansamos de ver bandas levantando bandeiras do tipo: "Ame o Rock". Na maioria das vezes pensamos que é apenas balela ou filosofia barata. A realidade é que nos dias de hoje quem quiser viver do rock precisa amá-lo realmente e os bastidores desses grandes festivais mostram apenas que tudo isso não passa de um estilo de vida e que os verdadeiros roqueiros não precisam levantar bandeiras, precisam apenas acordar e viver.

IMPRESSÃO DE REPÓRTER

O mais legal de fazer esse tipo de matéria é unir o trabalho às coisas legais. Transitar pelo *backstage* de festivais é como se você acordasse pela manhã e resolvesse passear no salão de um *freak show*. Unir pessoas que nunca se encontram em um mesmo ambiente cria uma atmosfera incrivelmente criativa e quase impossível de ser descrita. O mais maluco é que normalmente não existem jornalistas nesse tipo de ambiente, o que acaba fazendo com que as pessoas façam coisas que elas normalmente não fazem. Com o tempo as máscaras caem e todo mundo mostra a que veio. Interessante é observar o pessoal que realmente trabalha nesses lugares. Afinal de contas, toda essa movimentação é uma grande festa. Seguranças, produtores e *tour managers*, pessoas que tomam pílulas de diversão, literalmente isso.

